

A FRONTEIRA COMO LOCUS DE ENUNCIÇÃO DA IDENTIDADE *MESTIZA.*

Gloria Anzaldúa e a multiplicidade do ser

SILVA, Fidelainy Sousa (UFRGS)

*amestiça*enfrenta uma luta de carne,
uma luta de fronteiras, uma guerra interior
Glória Anzaldúa

um „ir-e-vir“ não apenas de lugar,
mas, também, ...
osurgimento de algo novo
Nubia Jacques Hanciau

A concepção moderna de fronteira define essa região como um espaço de enunciações e possibilidades múltiplas de encontro e diálogos culturais. Essa mudança conceitual ocorre paralelamente a essa a globalização e os grandes processos migratórios que fragilizam as divisões tradicionais de sociedade. Assim, as concepções de classe, de gênero, de etnia e de nacionalidade perdem a fixidez conceitual. Por isso, partimos dessa nova abordagem conceitual sobre fronteira para evidenciar esse lugar de diversidade identitária, onde as novas amostragens culturais colocam em xeque os sujeitos silenciados ou negligenciados pela história. Trabalhamos com a obra *Borderlands/ La frontera - The new mestiza* (1987) de Gloria Anzaldúa na intenção de romper o ciclo de apagamento desses sujeitos de fronteira alijados culturalmente.

Aqui se objetiva discutir a construção a identidade *mestizana* região de fronteira. Como também, a partir da escrita dessa autora verificaremos como o período colonial e suas imposições de poder político e econômico subalternizaram os valores culturais de países mais pobres. Por isso, nossa leitura parte da desobediência epistêmica com o cânone ocidental, já que não nos interessa elaborar uma leitura estruturalista com viés estético dessa obra, mas objetivamos entendê-la como objeto cultural distante de parâmetros homogeneizadores e centralizadores que historicamente tem excluído e silenciado diferenças significativas de países periféricos.

Sob a concepção de Walter Mignolo (2003, p. 25) a escritora *chicana*¹ Gloria Anzaldúa criou “um *locus* de enunciação onde se misturam diferentes tipos de conhecimento e expressões individuais e coletivas”. Ela como integrante comunidade de fronteira se institui como “lôcus atravessado por toda gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito” (ABDALA JUNIOR, 2004, p.119). O trabalho de Anzaldúa teoriza sobre a fronteira como resultado das relações de poder que os Estados Unidos da América (EUA) exercem sobre o território mexicano. É a partir desse complexo cultural que analisaremos o cruzamento desses dois países tão diferentes, assim como verificaremos a identidade mestiça e chicana que Anzaldúa propôs.

Gloria Anzaldúa (2012, p. 99) se auto define; “sou uma mestiça, continuamente indo de uma cultura para outra, faço parte de todas as culturas ao mesmo tempo”. Logo, a partir desse posicionamento torna-se autora e personagem do *locus* que ela teoriza. Para tal assertiva partimos do fato de que seu conflito identitário não se dá por ela, autora, ter migrado, mas justamente por ter vivido nessa região tensa de fronteira e por se auto afirmar como sujeito transformado culturalmente dentro desse espaço. Por conseguinte, compreendemos que a noção de subalternidade atribuída a identidade

¹ A escritora é cidadã nos Estados Unidos da América, mesmo sendo de origem mexicana.

mestiça, ocorre porque Anzaldúa índia mexicana, negra ativista, feminista e homossexual, representaria um lugar ideológico periférico e inferior. Por isso, seu texto denuncia questões de subjugação racial, das diferenças de gênero, dos efeitos da imigração e também da dominação colonial. Seu discurso transgressor atualmente transpassa as barreiras territoriais, e tem atuado, como propulsor de um imaginário mais autêntico da realidade híbrida dessas regiões compreendidas como zona de contato.

A obra *Borderlands/ La frontera - The new mestiza* (1987) está dividida em uma parte biográfica em prosa, em que a autora/narradora apresenta a disputa cultural entre México e EUA, ressaltando as questões religiosas, os problemas com a imigração, como também a opressão contra a mulher, o negro, e o indígena. Em seguida, tem seis capítulos em formato de poema e canções sobre o sentimento de revolta com a discriminação com os *chicanos* na fronteira. Para marcar seu discurso o livro encontra-se em três línguas: o inglês o espanhol e o *nahuatl*². Segundo as escritoras do prefácio da quarta edição do livro, Norma E. Cantú e Aída Hurtado, a intenção da autora é marcar esse lugar de luta política pelo viés cultural e dizer que não é possível separar dois povos que vivem em uma mesma região. Mesmo que dentro de um espaço de limites geopolíticos.

Reiteramos que esse estudo se sustenta nas abordagens desconstrutoras pós-coloniais. Uma concepção que exige teoricamente “ler a contrapelo”³ ou como se fosse um revide epistêmico, ao mesmo tempo em que valoriza o hibridismo identitário e a diferença cultural desse território marcado pela guerra. Como já argumentado por Homi Bhabha (2013) Stuart Hall (1999), Gayatri Spivak (2010), Cornejo Polar (2000) Walter Mignolo (2003) e outros, precisamos de um lugar teórico e metodológico que, à medida que avança, se distancia dos discursos produzidos pela episteme ocidental. Discurso que se pretende universal e insiste em hierarquizar, subjugar ou mesmo marginalizar saberes e culturas não-ocidentalizados, mas nem por isso menos importante e/ou inferior.

O espaço e os (des)limites territoriais da cultura de fronteira

No século XIX, a ideologia europeia de que os cristãos eram soberanos culturalmente, divulgou a ideia de que os “civilizados” tinham a missão e o fardo de colonizar outros povos. Com o objetivo de dominar países e conseqüentemente manter-se com o poderio econômico e geográfico, os Estados Unidos da América (EUA) em 1846 declarou guerra contra o México. Iniciou-se um conflito territorial que durou décadas. Uma das primeiras conquistas norte americanas foi a região atualmente conhecida pelo Texas, e, posteriormente, algumas outras cidades do norte do território mexicano. Hoje a divisão desse espaço geográfico entre os dois países é feita por cercas de arame e forte vigilância. Segundo Gisèle Manganelli Fernandes, (2008), de um lado, um país que exerce hegemonia de poder a nível mundial e do outro o México que ainda é marginalizado e visto como “mundo pobre” que atravessa a fronteira apenas para subir de nível social ou buscar melhores condições de vida.

A população de origem mexicana que legalmente passou a viver nos Estados Unidos da América recebeu o nome de “chicanos”. Mesmo que esses sujeitos tenham perdido de forma violenta o direito à nacionalidade mexicana, o aspecto maior dessa relação vai além do simples binarismo entre o vencedor e o vencido que pouco resolveria os problemas advindos desse processo. As relações de identidade desses

² Língua falada desde o descobrimento do México e que continua a ser utilizado até os dias de hoje.

³ Termo do teórico Walter Benjamin sobre a concepção dialética da cultura partindo da história latino-americana.

sujeitos auxiliam na construção de um novo espaço social, político, econômico e cultural.

O espaço da fronteira efetiva a diferença cultural proposta por Homi K. Bhabha (1998), para ele o campo da diversidade usada pelos pensadores durante a emergência colonial, não compreendem a diferença cultural, mas camuflam os sujeitos subalternos. A literatura nacional brasileira precisava de símbolos culturais que proporcionavam uma identificação geral da sociedade, para tanto temos as figuras símbolos da literatura nacional brasileira que hoje são interpretados como arremedos culturais, ou seja, representavam uma pequena parte da sociedade e que recriminava as demais. Portanto, a fronteira não é diversa culturalmente, pois a diversidade subentende que os sujeitos estão harmoniosamente no mesmo espaço, por outro lado, o processo de diferença cultural é, pois, lugar de disputas. Não há cultura formada e estabelecida de modo homogêneo ou representativa do todo, há uma fricção entre os diferentes que compreendem o todo.

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico –, enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. [...] A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. (BHABHA, 1998, p. 63).

A fronteira representa então o rompimento com a epistemologia tradicional de identidade coletiva única, que não se ajusta a realidade, pois não há nenhuma cultura completa e única, e tão pouco é a simples relação entre o Eu e o Outro. O sujeito diferente culturalmente não deve ser referência de oposição, mas, deve servir de articulador entre as duas culturas distintas, haja vista que cabe a alteridade como articulador para diminuir as hierarquias de poder. Para Bhabha (1949), a diferença cultural não se trata de uma questão simplória, é, no entanto, complexa e correlaciona a assimilação de significados culturais e suas práticas. Segundo ele,

Nem é simplesmente uma briga entre culturas holísticas pré-constituídas, que contêm dentro de si os códigos pelos quais podem ser legitimamente lidas. A questão da diferença cultural, como eu pretendo colocá-la, não é o que Adela Queded curiosamente identificou como “dificuldade anglo-indiana”, um problema causado pela pluralidade cultural e, para o qual, em seu entender, a única resposta poderia ser a negação da diferenciação cultural em um universalismo ético: (BHABHA, 1949, p.207-208)

A questão não é a perda de uma essência em torno do conceito de pluralidade cultural, mas, compreende o sentido de que as movimentações entre duas culturas não podem direcionar-se para uma visão de restaurar a autenticidade cultural instaurada pelo discurso colonial. A briga é justamente por não definir as culturas e tão pouco classificá-las como objetos a serem lidos e interpretados, assim como, foi por Adela Queded, citada por Bhabha, pois identificou a questão da diferença cultural como um problema causado pela pluralidade cultural. A tradução cultural então é a ressignificação de um elemento cultural em outro, certamente uma língua fora dos limites de espaço sofrem alterações de sentido. Recebem outras interpretações, assim os objetos culturais fora de contexto são resultados distintos do que foram em sua pátria. E nessa lógica nunca haverá um elemento cultural acabado e pronto, todos podem receber novas interpretações.

A língua na Espanha representa uma identidade nacional diferente da língua espanhola no México, pois inevitavelmente a língua sofre as traduções culturais de cada povo local. Logo a língua espanhola dos mexicanos que vivem nos Estados Unidos também sofreu ressignificações. Para os *chicanos*, a língua materna e o inglês precisam coexistir mesmo que dentro de um quadro conflituoso. Pois mesmo que a aprendizagem do inglês em território americano seja algo imposto e muitas vezes de forma violenta, percebe-se a coexistência de ambas. No texto de Anzaldúa percebe-se o convívio entre as duas línguas, seu posicionamento é demonstrar a relação híbrida e necessária entre a língua materna o espanhol, o *nahuatl* língua dos seus ancestrais e o inglês sua segunda língua. Mesmo teorizando sobre a necessidade de tolerar o mosaico de línguas intercultural, ela denuncia como é violento o processo de apagamento cultural dos *chicanos* em solo norte americano.

É possível observar como aconteceu a violência no processo de aquisição da nova língua para Anzaldúa. Como escritora de sua experiência, ela discute as consequências das situações de inferioridade do sujeito latino *chicano* dentro do território norte americano. De modo que, a narradora/autora relata que durante a adolescência era alvo de reclamações por parte dos professores quanto ao seu sotaque.

I remember being caught speaking Spanish at recess – that was good for three licks on the knuckles with a sharp ruler. I remember being sent to the corner of the classroom for “talking back” to the Anglo teacher when all I was trying to do was tell her how to pronounce my name. “If you don’t like it, go back to Mexico where you belong.” (GLORIA ANZÁLDUA, p.65)⁴

A subalternização do sujeito continua dentro das relações familiares, pois a própria mãe também justifica os motivos pelos quais ela deve perder o sotaque:

I want you to speak English. *Pa' hallar buen trabajo tienes que saber hablar el inglés bien. Qué vale toda educación si todavía hablas inglés con um 'accent,' my mother would say, mortified that I spoke English like a Mexican. At Pan American University, I, and all Chicano students were required to take two speech classes. Their purpose: to get rid of our accents.*(GLORIA ANZÁLDUA, p. 76)⁵

Garantir uma educação de qualidade é a única forma de competir por espaço. Uma *chicana* negra, mestiça, e homossexual não teria oportunidades de emprego e de fato a eficiência da aprendizagem do inglês é necessária. Mas as não excluí que essas questões relacionadas à língua espanhola nos Estados Unidos recebem proporções de agressão cultural.

O espanhol é vinculado ao imaginário de „atraso do México“, conseqüentemente, para o sujeito mestiço que precisa sobreviver nesse território, o sotaque é denúncia concreta de não nacionalidade. De modo que, a presença da língua materna se torna motivo para auto rejeição e vergonha cultural, iniciando um quadro de

⁴Lembro-me de ser pega falando espanhol no recreio - que era suficiente para três golpes nas juntas com uma régua dura. Lembro-me de ser mandada para o canto da sala de aula pela professora Anglo por “falar de novo”, quando tudo que eu estava tentando fazer era dizer como pronunciar o meu nome. “Se você não gostou disso, volte para o México onde você pertence”.

⁵Eu quero que você fale inglês. Para arrumar um bom trabalho você tem que falar bem. De que vale toda sua educação se você fala com sotaque? Diria minha mãe, mortificada porque eu falava inglês como uma mexicana. Na Universidade Pan-Americana, eu, e todos os estudantes mexicanos fomos obrigados a ter duas aulas de inglês. Finalidade: nos livrar de nossos sotaques.

tentativa de apagamento de identitário. As pressões sociais impostas pela escola e a agressão emocional vinda da própria família, favorecem um processo maior de violência cultural, que afeta a formação identitária dos *chicanos*. Anzaldúa pretende divulgar esse lugar cultural até que este não seja visto como inferior ou superior, mas seja reconhecido como lugar de cultura híbrida.

But Chicano Spanish is a border tongue which developed naturally. Change, evolución, enriquecimiento de palabras nuevas por invención o adopción have created variantes of Chicano Spanish, um nuevo lenguaje. Um lenguaje que corresponde a um modo de viver. Chicano Spanish is not incorrect, it is a living language. For a people who are neither Spanish nor live in a country in which Spanish is the first language; for a people who live in a country in which English is the reigning tongue but who are not Anglo; . (ANZALDÚA, 2012, p. 77).⁶

Nesse fragmento a autora apresenta o quanto os aspectos híbridos da língua se afirmam como necessários em regiões de fronteira em que uma única língua não basta para representar dois povos que vivem em uma mesma região. Assim, “language is a homeland closer than the Southwest- for many Chicanos today live in the Midwest and the East. And because we are complex, heterogeneous people, we speak many languages” (ANZALDÚA, 2012, p. 77)⁷.

A identidade *mestizana* fronteira cultural

Segundo Nubia Jacques Hanciau (2005), fronteira não é o espaço físico que divide, é o lugar de misturas e de travessias, que cabe o mestiço, o contaminado e todos os sujeitos híbridos resultantes de movimentações identitárias. O conceito convencional de fronteira geográfica parte da ideia de divisão territorial como lugar fechado de identidades iguais, mas para compreender o mundo moderno precisamos alargar o sentido da palavra. Principalmente, porque estamos falando de aspectos culturais em que se privilegia diferença e o outro, os quais exigem as concepções de fronteiras como um fluxo. Portanto, abre-se novas interpretações desse lugar não estático, que se revela em essência ambiente de passagem.

O termo *mestiza* está relacionado a um estado de “nepantilismo mental⁸”, expressão relacionada a dualidade de espírito do sujeito em construção. Segundo a autora, “*lamestiza* é um produto de transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro” (ANZALDÚA, 1987, p. 705). Esse processo de transferência de valores é para Bhabha objeto de investigação cultural pois, “é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas.” Não há um sistema de enunciação em que a identidade *mestiza* se encontre fechada e

⁶ Mas Chicano espanhol é uma língua de fronteira que se desenvolveu naturalmente. Mudança, evolução, enriquecimento de palavras novas por invenção ou adoção têm criado variantes de Chicano espanhol, um novo idioma. Um idioma que corresponde a um modo de viver. Chicano espanhol não é errado, é uma língua viva. Para um povo que não são espanhol nem vive em um país em que o espanhol é a língua materna; para um povo que vive em um país onde o Inglês é a língua reinante, mas que não são Anglo.

⁷ Língua é uma pátria mais perto do que Sudeste para muitos Chicanos que vivem hoje no Centro-Oeste e no Leste. E porque nós somos complexos, pessoas heterogêneas, nós falamos muitas línguas.

⁸ Nepantilis mo: Palavra asteca que significa partido ao meio; *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987).

conhecida, o que há é um processo inacabado que ainda está por ser conhecível. Por isso, nas palavras da autora:

Because I, a mestiza, continually walk out of one culture and into another, because I am in all cultures at the same time, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteadada por todas las voces que me hablan Simultáneamente. (ANZALDÚA, 2012, p. 99.)⁹

Nesse sentido, quando ela, a autora/personagem, se outo identifica nesse transferência continua de valores, se descreve como uma fronteira incapaz de escolher apenas um lado de identificação cultural. Nesse caso sua formação cultural é um fragmento constituído por mesclas identitárias diversas. O limite entre o físico e psicológico da personagem é destacado como algo tênue e, por vezes, não há como diferenciá-los. “To survive the Borderlands you must live *sin fronteras* be a crossroads.” (ANZALDÚA, 2012, p.217). Paradoxalmente autora não nega a existência de uma fronteira física, haja vista que ela mesma parte desse lugar dividido por cercas de arame. Mas reafirma esse lugar como marca ambiente ideológico e de posicionamento, pois afirma que só se sobrevive a fronteira e toda a complexidade que nela existe sendo a própria fronteira.

Na medida que a política ideológica colonizador-colonizado representam a fronteira cultural México e Estados Unidos, os imigrantes que saem do lugar subalterno carregam consigo esse lugar inferior. Evidenciamos que não é a simples mudança de um país para outro, mas todo o campo ideológico complexo de subjugação cultural que o constitui, como lugar de conflitos e lutas sociais que fazem parte de uma lógica maior com outras questões sobre a sobrevivência no mundo. “The world is not a safe place to live in” (ANZALDÚA, p. 42).

Segundo Anzaldúa não há lugar seguro para a mulher negra em um mundo de cultura predominante masculina e branca. Para ela nem mesmo seu próprio interior é seguro, de modo que “Petrified, she can’t respond, her face caught between *los interstícios*, the spaces between the worlds she inhabits.” (ANZALDÚA, p. 42).

Desse modo, a identidade *mestiça* corresponde ao um encontro paradoxal de sobreposições culturais à complexidade do individual. As subjetivações do sujeito subalterno em um lugar hegemonia e supremacia cultural corresponde a uma regra geral de trauma e conflitos. A exemplo temos a descrição de Anzaldúa sobre sua identidade e sua percepção sobre o encontro cultural:

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores [...] Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (ANZALDÚA, 2007, p. 100).

Logo, a pretensão de edenizar o processo cultural como passo benéfico e necessário para o século, se mostra contrário, pois precisamos denunciar os abusos

⁹Porque eu sou uma mestiça, continuamente indo de uma cultura para outra, faço parte de todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre para dois mundos, três, quatro, me desoriento com o contraditório. Estou norteadada por todas as vozes que me falam Simultaneamente.

sofridos por sujeitos que compõem lugares (bi)culturais ou multiculturais. A identificação espiritual e sexual de um povo subalterno fica distorcida e por isso Anzaldúa usa o verbo “sobreviver” para definir quem precisa atravessa esse “campo de batalhas”;

In the Borderlands you are the battleground where enemies are kin to each other; you are at home, a stranger, the border disputes have been settled the volley of shots have shattered the truce you are wounded, lost in action dead, fighting back; To live in the Borderlands means the mill with the razor white teeth wants to shred off your olive-red skin, crush out the kernel, your heart pound you pinch you roll you out smelling like white bread but dead; (ANZALDÚA, 2012, p. 216-217).¹⁰

Nesse sentido, não basta pertencer a determinada região de fronteira tem que sentir-se fundamentalmente atravessada, precisa se subjetivar como uma fronteira e carregar todas suas consequências. Dito de outra forma, o deslocamento cultural reelabora as concepções esse lugar de trânsitos e as passagens, como também reelabora metaforicamente a fronteira como uma ponte, um elo com o Outro. Nubia Jacques Hanciau (2005, p.134), apresenta a imagem de uma passarela cultural de “um „ir-e-vir“ não apenas de lugar, mas, também, ... o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um „terceiro“ que se insinua na situação de passagem”.

As práticas do hibridismo identitário

A hibridização das práticas culturais como aconteceu com Gregos e Romanos na antiguidade clássica tem implicações até os dias de hoje, uma vez que duas culturas se fundem não se distingue mais a pureza de nenhuma delas. Assim, Canclini diz que “Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras.” (CANCLINI, 2013, p. 19). As expansões europeias para a América resultaram em muitas formas de cruzamento cultural, entretanto devemos centralizar nossa argumentação no caso específico das relações entre México e Estados Unidos.

A hegemonia do poder da estadunidense em relação ao território mexicano pode até limitar o domínio territorial, mas no que tange os empréstimos linguísticos e as misturas culinárias percebemos como as práticas se fundem. Ainda Canclini, (2013, p. 19) compreende sobre as novas significações, ele diz “Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”.

A hibridização das práticas culturais não acontece num objeto concreto, mas, se encontra em práticas culturais diversas, por isso para Bhabha (1991),

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica híbrida - trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber um movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente

¹⁰Na fronteira você é o campo de batalha onde os inimigos são parentes entre si; você está em casa, um estranho, as disputas de fronteiras são resolvidas a saravada de tiros por ter quebrado a trégua que você está ferido, perdido na morte, lutando para voltar ao lugar de origem; Viver na fronteira significa a lâmina como uma navalha de dentes que quer rasgar fora sua pele verde-oliva - vermelho, esmagar o centro, seu coração bate, você aperta, você rola para fora cheirando como pão branco, mas morto; Para sobreviver à fronteira, você deve viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada.

acompanha qualquer tipo de transformação social. (BHABHA, 1991, p. 191).

Elucidamos que as práticas aspecto em torno da *mescla* entre línguas também servem como exemplo de lugar híbrido. E partimos da assertiva de que não é um fenômeno exclusivo de determinada região de fronteira, pois as trocas linguísticas entre os povos já existem desde movimentações antes da era clássica, e hoje se configura dentro do que o mundo moderno se caracteriza. Segundo, Antônio Cornejo Polar (2000), a língua é o elo entre história e as novas experiências de vida, o vínculo idiomático é apenas mais um dos traços que não se dissipam, mas acompanham o pluralismo aceitando novas interpretações e códigos significativos.

what recourse is left to them but to create their own language? A language which they can connect their identity to, one capable of communicating the realities and values true to themselves - a language with terms that are neither *español* ni *inglés*, but both. We speak a patois, a forked tongue, a variation of two languages (ANZALDÚA, 2012, p. 77)¹¹.

É irrefutável que trocas linguísticas entre as comunidades são inerentes à concepção de mundo moderno. Conseqüentemente o sujeito “modificado” transforma também o seu lugar de enunciação e se define múltiplo. As práticas do hibridismo identitário não define um objeto híbrido que possa ser analisado, tão pouco uma determinada situação, mas são aspectos subjetivos que envolvam a fala, os aspectos culinários, as festividades, a religiosidade, as identificações sexuais, entre outros.

Assim também os aspectos culinários se mesclam. Pois, “To live in the Borderlands means to put *chile* in the borscht, eat whole wheat *tortilhas*” (ANZALDÚA, 2012, p. 216)¹². A construção do prato longe das referências torna-se em uma nova receita. Não é o simples fato preparar a refeição com outros ingredientes é na verdade o gosto da comida é alterado pelos novos elementos acrescentados. A personagem reivindica seu lugar de enunciação para, assim, denunciar anos de silêncio contra essa situação de domínio que vai gerar o sentimento de subalternidade. Nas palavras de Gloria Anzaldúa;

Já não consentirei que me façam sentir vergonha pelo simples fato de existir. Terei a minha voz: índia, espanhola, branca. Terei a minha língua de serpente: a minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Superarei a tradição do silêncio (ANZALDÚA, 2007, p. 40).

Esse lugar de enunciação reivindica voz a um povo que não é apenas da identidade *mestiza*, mas inclui o negro descendente de escravos, ao pobre, ao mestiço indígena, a mulher e todas classes que foram silenciadas. Cornejo Polar (2000) apresenta a fragmentação do sujeito como inerente à natureza humana, haja vista a multiplicidade de experiências no tempo e espaço, assim;

estratifica suas experiências de vida e que não pode nem quer fundi-las, por que sua natureza descontínua enfatiza precisamente a múltipla diversidade desses tempos e desses espaços, e os valores e imperfeições de uns e outros.

¹¹ Que recurso é deixado para eles para criar a sua própria língua? Um idioma que eles possam conectar sua identidade, capaz de comunicar as realidades e os valores verdadeiros para eles - uma linguagem com termos que não são nem espanhol nem inglês, mas ambos. Nós falamos *patois*, uma língua bifurcada, uma variação de duas línguas.

¹² Viver na fronteira significa colocar *chile* na sopa, comer tudo com tortilha.

A fragmentação talvez seja sua norma. (...) a passagem de uma cultura a outra, em mais de um sentido contrapostas, cujo signo maior é um bilinguismo que, mesmo se fosse simétrico – e quase nunca o é – produz uma aguda ansiedade pelo confuso hibridismo de lealdades e pragmatis mos. (CORNEJO POLAR, 2000 p. 130)

O autor apresenta a passagem de uma cultura a outra como ponto de partida para o processo de formação de um sujeito híbrido, bilíngue e multicultural. De modo que, o hibridismo das práticas culturais é antes de tudo o resultado final entre dois elementos, e essa fragmentação cultural pode modificar até mesmo grandes civilizações. Cornejo Polar (2000) em sua citação acima, que aponta a fragmentação como norma durante o encontro cultural de duas civilizações. Os contextos são múltiplos de significados e para a construção de uma língua híbrida. É preciso levar em consideração aos aspectos de interações em que ambas as línguas estão inseridas, como também, os valores que elas carregam, pois as ressignificações surgem diante da necessidade de melhor comunicação. Para uma região com várias línguas os empréstimos linguísticos configuram a necessidade de comunicação.

Because of the color of my skin they betrayed me. The dark-skinned woman has been silenced, gagged, caged, bound into servitude with marriage, bludgeoned for 300 years, sterilized in the twentieth century... Many times she wished to speak, to act, to protest, to challenge. (Anzaldúa, 2012, p. 45)¹³.

É um relato que denuncia a escravidão e, sobretudo, as consequências diretas na vida de seus descendentes. Nesse caso não se trata apenas de subalternidade, mas de hegemonia e poderio econômico de uma nação em relação a outra. De modo que, para a autora as relações de confronto entre as comunidades foram defidas pelas relações de poder, resultantes do processo de subjulgação cultural

Considerações finais

Em geral a história social, econômica e cultural da América Latina é repleta de conflitos e massacres que provocaram os desarranjos econômicos, os conflitos políticos e as imigrações em massa. Todos esses processos influenciaram a imagem de identidade nacional de cada um desses países. No caso específico da região de fronteira México - Estados Unidos o conflito territorial ultrapassou a disputa geográfica e essa briga se desdobra também para o campo cultural e hoje se classifica como lugar de contato entre culturas. Mesmo que a representação cultural única não esteja em vigência, ainda não se discutiu o suficiente como nasceu a movência cultural.

Dessa maneira, apontamos neste trabalho que a identidade mestiça na fronteira cultural que compreende a região México-Estados Unidos serviu como lugar de trânsito, tanto para a divulgação dos *chicanos* quanto da identidade mestiza. Assim, a identidade de Anzaldúa não se instaura por ela ter nascido em uma aldeia indígena ao norte do México, mas por ela fazer parte da população mexicana que depois da guerra tornou-se Norte Americana. Logo sua identidade não é somente indígena, mas dentro

¹³ Por causa da cor da minha pele que me traiu. A mulher de pele escura tem sido silenciada, amordaçada, enjaulada, vinculada à servidão com o casamento, espancada por 300 anos, esterilizada no século XX ... Muitas vezes ela deseja falar, agir, protestar, desafiar.

do processo de identificações culturais, proposto por Bhabha, ela recebeu os valores dessa nova cultura e tornou-se sujeito desses dois lugares de enunciação cultural.

No livro *Borderlands/La frontera*, de Gloria Anzaldúa, como visto, a língua é, então, um importante elemento cultural, como também os hábitos alimentares. Além desses aspectos ela argumenta que viver na fronteira implica carregar o peso das múltiplas identidades dentro de si, e que negar qualquer uma dessas matrizes culturais é o mesmo que negar todas as outras. Portanto, já não se trata mais de opor uma identidade a outra binarizando em pólos opostos aquilo que se constituiu pluralmente, mas percebê-las enquanto elementos que, necessariamente, dialogam entre si, de modo que uma não anula a outra.

Para desenvolver esse trabalho voltamo-nos para os aspectos sobre a desconstrução em torno de hierarquias culturais, pois não adentramos nas discussões sobre as hierarquias ideológicas de poderio político que exigem influências internas entre um país e externas a ele. Mas, com a narrativa de Anzaldúa, contrariamos a ideia do purismo identitário e propomos o sujeito da fronteira como pluricultural. Ainda nesse sentido, o conceito de fronteira debatido nesse trabalho extrapola elementos meramente geográficos, mas pressupõem além do geográfico, aspectos culturais e políticos. A fronteira como locus de enunciação da identidade *mestiza*, lugar no qual ocorre encontros, passagens, misturas e múltiplas construções identitárias.

Referências

ABDALA JUNIOR, B. *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. Organizador. – São Paulo: Boitempo, 2004.

PIZARRO, A. Áreas Culturais na modernidadetardia. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas* / Benjamin Abdala Junior, organizador. – São Paulo: Boitempo, 2004.

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 4ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

_____, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 2ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BHABHA, H. A Questão do “outro”; diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 177-203.

_____, H. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

COUTINHO, E. F. *Literatura comparada: reflexões*. / Eduardo F. Coutinho. – São Paulo: Annablume, (Coleção Língua, Discurso e Literatura). 2013.

FERNANDES, G. M. Fronteira México-Estados Unidos: representação de conflitos pós-modernos. In: *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, Brasil, 13 a 17 de julho de 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HANCIAU, N. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. (org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, p. 125-160, 2005.

MIGNOLO, Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003, pp. 09-130.

POLAR, A. C. *O condorvoa: literatura e cultura latino-americanas*. Organização Mário J. Valdés; tradução Ilka Valle de Carvalho. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

SANTIAGO, S. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 11-28, 1978.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa - Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Contato: delainy_souza@hotmail.com